

REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE FILOSOFIA POSITIVA DE AUGUSTE COMTE

Mariluce Bittar

Para se compreender as idéias básicas do positivismo, a leitura do **Curso de Filosofia Positiva** é condição indispensável. Escrito entre os anos de 1830 a 1842, o texto, que originalmente foi um curso ministrado por Auguste Comte, traz uma sistematização do pensamento do autor naquilo que ele foi mais original, ou seja, trabalhar os princípios positivistas nas ciências sociais e humanas.

Segundo Comte, “*todos os bons espíritos*” afirmam que “*soamente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados*” (Comte, 1983 : 5). A observação e a experiência são conceitos que estão presentes desde Bacon e perpassam toda a “Filosofia das Luzes” e a Revolução Francesa. Sobre esta última, inclusive, Comte observa que suas conseqüências foram a crise política e moral que a sociedade do seu tempo vivia; para pôr fim a esta crise ele propõe a reorganização mental e moral da humanidade.

Pode-se afirmar, portanto, que o conjunto das concepções filosóficas de Auguste Comte é produto direto de sua época; ele procurou

“... acabar com as eternas investigações filosóficas sobre o incognoscível, e, voltando-se para o mundo real, criar nele seu vasto campo de estudo e de observação para restabelecer e realizar um programa universal que regulamentasse e regenerasse a vida humana, tanto privada, como pública” (Ribeiro Jr., 1988 : 9).

Para explicar a marcha progressiva do espírito humano, Comte diz que existem três métodos diferentes de filosofar ou três estados históricos, a saber: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato e estado científico ou positivo. Segundo suas próprias

palavras, no estado teológico “*o espírito humano (...) apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais...*”. No estado metafísico, “*... os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas (...) e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados...*”. E, no estado positivo,

“o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer a causa íntima dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir (...) suas leis efetivas, a saber suas relações invariáveis de sucessão e de similitude” (1983 : 4).

No entanto, cabe observar que, para Comte, os saberes existentes até então na sociedade ocidental - a teologia e a metafísica - não eram suficientemente capazes de esclarecer e explicar o espírito humano. Só a ciência seria capaz de fazê-lo e é por isso que ele propõe a sua “filosofia positiva” como fundamento de todo o saber válido. Nesse sentido, o estado positivo, no qual se explicam os fenômenos subordinando-os às leis experimentalmente observáveis e demonstradas, é o estado definitivo da humanidade. “*O Estado Positivo é, pois, o termo fixo e definitivo em que o espírito humano descansa e encontra a ciência*” (Ribeiro Jr., 1988 : 20).

Fazendo uma analogia com o desenvolvimento da inteligência, Comte explica que o ponto de partida da “*revolução geral do espírito humano*” ocorre com o indivíduo em sua infância, quando ele estaria vivendo o estado teológico. O estado metafísico corresponderia à sua juventude e o estado positivo à fase madura ou “viril”, quando o homem, finalmente, por meio da observação dos fatos é capaz de formular teorias e leis que expliquem os fenômenos. É neste último estado que a razão humana está suficientemente preparada para empreender investigações científicas e a atividade intelectual é estimulada “*... com a pura esperança de descobrir as leis dos fenômenos, com o simples desejo de confirmar ou infirmar uma teoria*” (Comte, op. cit., 6).

Auguste Comte afirmava em seu **Curso de Filosofia Positiva**, que a filosofia teológica e a filosofia metafísica fracassaram na tentativa de explicar e reorganizar a sociedade, tarefa esta que se tornou “*inútil*”. Muito superior a elas é a filosofia positiva que completa a extensa “*operação intelectual*” iniciada por Bacon, Descartes e Galileu e que, “... *de agora em diante, está destinada a se fazer prevalecer na espécie humana ...*”. Somente assim, a “... *a crise revolucionária que atormenta os povos civilizados, estará essencialmente terminada*” (Ibid., 18-19).

A partir dessas idéias básicas, Auguste Comte formula a sua concepção de “*física social*”, uma ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais, considerados no mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos. Para ele, esta é a “*última lacuna*” que faltava para constituir o espírito positivo e, dessa forma, a física social deve ter o mesmo grau de perfeição que as outras ciências naturais. Isto implica afirmar que, para o positivismo, a sociedade e os fenômenos sociais devem ser analisados, observados e explicados da mesma forma em que se analisam os fenômenos naturais.

“Se essa condição for uma vez realmente preenchida, o sistema filosófico dos modernos estará fundado, enfim, em seu conjunto, pois nenhum fenômeno observável poderia evidentemente deixar de entrar numa das cinco grandes categorias, desde já estabelecidas: fenômenos astronômicos, físicos, químicos, fisiológicos e sociais” (Ibid., 9-10).

Como a humanidade acabava de entrar na era do saber científico e positivo, faltava apenas formular a ciência e a filosofia dos fenômenos sociais, ou seja, a física social, mais tarde denominada de sociologia.

Uma das características fundamentais da “*nova ciência*” é a afirmação que a sociedade humana é regulada por leis naturais invariáveis e independentes da vontade e da ação do homem. O cientista social, para estudar os fenômenos dessa sociedade, deve se

despojar de todos os seus pré-conceitos ou pré-noções, buscando o máximo de neutralidade científica em relação ao objeto pesquisado. Desta maneira,

“... a concepção positivista (...) afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo. Todo esse conjunto de elementos ideológicos, em seu sentido amplo, deve ser eliminado da ciência social”

para que ela possa ser verdadeiramente real e objetiva (Löwy, 1985 : 36).

A questão da neutralidade do cientista torna-se ponto de referência para o positivismo que advoga a necessidade do pesquisador manter o devido distanciamento do objeto pesquisado para não correr o risco de envolvimento emocional de qualquer espécie, pois as “*paixões*” são prejudiciais ao investigador. Comte chega a afirmar que, felizmente, os órgãos destinados à observação empírica são diferentes daqueles em que residem as paixões, pois estes, mesmo que façam qualquer tipo de observação, não terá nenhum valor científico. “*Porquanto todo estado de paixão muito pronunciado (...) necessariamente é incompatível com o estado de observação*” (Comte, op. cit., 14).

Para ele, a fundação da física social, a sociologia, completava o conjunto das ciências naturais já conhecidas, formando um “*tronco único*” e útil para se proceder, inclusive e especialmente, à análise dos fenômenos sociais. A sociedade, dessa maneira, deveria ser investigada da mesma forma que a fisiologia estuda o corpo humano, ou seja, cada órgão desenvolve uma função imprescindível para estabelecer e manter uma ordem natural ao funcionamento do sistema. Por isso, Comte afirmava a “*... necessidade de dispor os fatos numa ordem...*” necessária para se conhecer as **leis dos fenômenos** que passariam a ser modificados uns pelos outros e seus resultados ou ações seriam **previstos** pela ação humana.

Auguste Comte acreditava, portanto, que a sociologia ou a física social tinha como finalidade estabelecer uma base racional e científica na sociedade, através da instauração do espírito positivo.

Fazendo uma análise do positivismo, Michael Löwy, em seu livro **Ideologias e Ciência Social** afirma que, por um lado, o positivismo, em suas origens, pode ser considerado como “*revolucionário*”, devido a influência de seus primeiros pensadores: Condorcet e Saint-Simon. Mas, com Comte e Durkheim, ele passa a se constituir num “*método conservador*”, pois vai se consagrar em defesa da nova classe em ascensão: a burguesia (1985 : 35-45).

Sobre este aspecto, inclusive, Löwy cita uma passagem da obra de Durkheim, **As Regras do Método Sociológico**, em que o mesmo afirma que o método criado por ele e Auguste Comte “*não tem nada de revolucionário, pelo contrário - ele é essencialmente conservador, porque considera os fatos sociais como coisas cuja natureza, por mais maleável que seja, não pode ser modificada pela ação humana*” (Durkheim, apud Löwy, 1985 : 44).

BIBLIOGRAFIA

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. Em: *Os Pensadores*. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

RIBEIRO JÚNIOR, João. *O Que é Positivismo*. 7.ed. São Paulo : Editora Brasiliense, 1988.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social* - elementos para uma análise marxista. São Paulo : Cortez Editora, 1985.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.) *Comte*. São Paulo : Editora Ática, 1978. (Coleção Sociologia, coordenada por Florestan Fernandes).